

Texto I

A violência é um problema social que está presente nas ações dentro das escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Isso não deveria acontecer, pois escola é lugar de formação da ética e da moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários. Porém, o que vemos são ações coercitivas, representadas pelo poder e autoritarismo dos professores, coordenação e direção, numa escala hierárquica, estando os alunos no meio dos conflitos profissionais que acabam por refletir dentro da sala de aula. Além disso, a violência estampada nas ruas das cidades, a violência doméstica, os latrocínios, os contrabandos, os crimes de colarinho branco têm levado jovens a perder a credibilidade quanto a uma sociedade justa e igualitária, capaz de promover o desenvolvimento social em iguais condições para todos, tornando-os violentos, conforme esses modelos sociais. (...)

Aula motivadora que favorece a reflexão e o aprendizado: Levar esse tema para a sala de aula desde as séries iniciais é uma forma de trabalhar com um tema controverso e presente em nossas vidas, oportunizando momentos de reflexão que auxiliarão na transformação social. (...) E muito além das discussões e momentos de reflexão, os professores devem propor soluções e análises críticas acerca dos problemas a fim de que os alunos se percebam capacitados para agir como cidadãos. Afinal, a credibilidade e a confiança são as melhores formas de mostrar para crianças e jovens que é possível vencer os desafios e problemas que a vida apresenta.

Jussara de Barros é graduada em Pedagogia, <http://brasilecola.uol.com.br/educacao/escola-x-violencia.htm>

Texto II

Na última década, a violência nas escolas tem preocupado o poder público e toda a sociedade (...). O conflito e violência sempre existiram e sempre existirão, principalmente, na escola, que é um ambiente social em que os jovens estão aprendendo a conviver com as diferenças, a viver em sociedade. O grande problema é que a violência tem se tornado em proporções inaceitáveis. (...) Todos os diferentes, para o bem ou para o mal, têm sido vítimas em potencial na escola. Brigas, agressões físicas, enfim, sempre existiram. O que não existia antes (e que hoje tornou comum) é o fato de que jovens depredam a escola, quebram os ventiladores, portas, vidros, enfim, tudo que é possível destruir, eles destroem. (...) Não se levava revolver e faca e não se consumia drogas e álcool no interior das escolas. No meu tempo, por exemplo, nunca se ouviu falar que um colega tinha assassinado um amigo na sala de aula ou que alguém tinha jogado álcool no colega e ateado fogo. Enfim, são muitos os relatos de violência extrema no interior das escolas. O que tem intrigado a todos é que esse aumento da violência veio junto com a ampliação dos direitos dos cidadãos e com o Estatuto da Criança e Adolescente. Essa é uma questão que não devemos desprezar.

<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/violencia-na-escola-e-suas-consequencias>. Adaptado.

Texto III

Morreu na segunda-feira, 27-3-2023, a professora Elisabeth Tenreiro. Ela lecionava na escola Thomazia Montoro, em São Paulo, e tinha sido esfaqueada por um aluno de 13 anos. Ela chegou a ser encaminhada para o Hospital de Urgência, mas não resistiu aos ferimentos. (...) Elisabeth era professora desde 2013 e dava aulas de Ciências. “Elisabeth chegou contribuindo ativamente com a instituição ao longo de quatro décadas de trabalho na área de planejamento e desenvolvimento de atividades”, disse o governo.

Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/professora-morre-ataque-com-faca-escola-sp-16591770>. Acesso em 31.mar.2023.

Texto IV

Quando se em violência escolar, levanta-se a questão de crianças e adolescentes serem, ao mesmo tempo, autores e vítimas dessa situação. A violência pode ter como causa o fato de pessoas, ainda em formação, viverem em ambientes igualmente violentos, como é o caso de crianças e adolescentes cujos pais discutem ou agridem-se física e emocionalmente. O abandono parental, a violência doméstica, a incidência de cenas violentas nas mídias digitais, a falta de empatia e tantas outras manifestações comportamentais negativas em decorrência das mazelas socioeconômicas estão intimamente ligados à formação cidadã.

Gislaine Buosi

PROPOSTA DE REDAÇÃO: Imagine que, preocupado com os frequentes episódios de violência escolar, você, pai de aluno do Colégio Pedro Álvares Cabral, decide escrever uma **CARTA ARGUMENTATIVA** ao Ministro da Educação, em cuja carta você denunciará e discutirá os fatos e fará sugestões eficientes para resolver o problema.

Cartas? Ainda? Estamos em pleno século 21... É verdade que, com tantos recursos tecnológicos, a forma de comunicação entre as pessoas mudou consideravelmente. Antigamente, era muito comum utilizar-se de cartas, telegramas e cartões postais para se comunicar com pessoas distantes. Entretanto, a carta argumentativa ainda continua sendo um veículo de comunicação importante e muito requisitado nos vestibulares.

Carta é dissertação com data e vocativo? Não. Carta argumentativa é um gênero textual que se apropria do tipo dissertativo. Ainda há quem pense que uma dissertação argumentativa, com data e vocativo, configura-se uma carta. Isso é enganoso.

Quando se fala em carta argumentativa, espera-se que, ao longo do texto, as marcas de interlocução sejam mantidas (vocativos, pronomes) – é fundamental não esquecer que se escreve para uma pessoa/entidade. Por meio da carta argumentativa, pretende-se convencer o interlocutor (uma pessoa ou uma entidade) sobre o que está sendo enfrentado e pedido, e não qualquer interlocutor (leitor universal), como acontece quando se escreve uma dissertação argumentativa. Assim, não basta apenas a “moldura” do texto para que se configure uma carta. É possível escrever na 1ª pessoa do singular (quando o próprio remetente se dirige ao destinatário) ou na 3ª pessoa do singular (quando o remetente, em nome de uma entidade, se dirige ao destinatário). Nas cartas formais é preciso, também, empregar os pronomes de tratamento respeitosos.

Atenção à estrutura-padrão da carta: data; vocativo e, sendo possível, com a referência ao cargo do destinatário; apresentação do remetente (nos vestibulares, só as iniciais – o candidato não pode se identificar); apresentação do assunto; argumentação; pedido/intenção; despedida; assinatura (só as iniciais).